

# **Escuta: quando a abstinência se constitui**

## **Listening: the constitution of abstinence**

Bárbara de Souza Conte e Denise Costa Hausen

*Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos (...) cumpre-nos saber, porém, que o resíduo, ou o que logramos desencavar desse poço sem fundo, é apenas uma ínfima parcela da história de nossa vida (Norberto Bobbio)*

### **Sumário**

As autoras do presente trabalho se propõem a examinar o termo *abstinência* a partir de uma concepção dialógica do interno e externo. Para tanto conversam em um primeiro momento acerca do vocábulo abstinência, percorrendo sua emergência no texto freudiano. Em seguida, discorrem com sua própria prática como seres políticos, imersos na cultura, e com a crença da abstinência como mola propulsora do trabalho analítico. Partem da noção de abstinência como sendo a renúncia relativa à satisfação de um desejo, propondo-a como derivada da experiência de castração, momento ímpar das vivências psicosexuais que implicam a tentativa de abandono do prazer narcísico. Dessa forma, propugnam o fazer do psicanalista no sentido da abstinência não desvinculado do seu fazer enquanto um sujeito ético que tem na sua prática de vida o respeito ao outro. A ética da psicanálise sendo proposta como a ética do cidadão. Assim sendo, é questionada a construção teórica e a confusão entre abstinência, neutralidade e sujeito apolítico. Inserem a questão da responsabilidade cívica de colocar o saber psicanalítico a serviço das políticas que marcam os modos de ser de cada cultura.

### **Abstract**

The authors examine the term abstinence through a dialogical conception of internal and external reality. Initially the authors explore the significance of the term abstinence and recall its origin in Freudian writings. Secondly they discuss their practice as political individuals that belong to a culture and believe that abstinence is the trigger of analytical work. They suggest that this notion is related to the abdication of wish fulfilment and that it derives from the castration experience. This crucial moment of psychosexual life involves the abandonment of narcissistic pleasure. Thus, they support that the psychoanalyst's practice must be carried on through an abstinence approach, which is

attached to an ethic perspective – the psychoanalyst’s life praxis that is based on respect for the other. The ethic of psychoanalysis is seen as the ethic of the citizen. Therefore, the theoretic construction that confuses abstinence, neutrality and apolitical subject is questioned in this work. The authors suggest that psychoanalytic knowledge should subserve the social politics of different cultures and they propose the idea of the civic responsibility of psychoanalysis.

Bárbara de Souza Conte. Psicanalista. Doutora em Psicologia UAM. Membro pleno e presidente da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Autora do livro Prazer e Dor. O masoquismo e a sexualidade. Criação Humana (2002) e Org. juntamente com F. Kunzler do livro Cruzamentos 2. Pensando a Violência. Ed. Escuta (2005).

e-mail: [barbara.conte@globocom.com](mailto:barbara.conte@globocom.com)

Denise Costa Hausen. Psicanalista. Doutora em Psicologia pela PUCRS. Professora da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Membro pleno do CEP de PA e fundadora do Espaço Analítico, clínica de psicanálise.

e-mail: [deniseh@puccrs.br](mailto:deniseh@puccrs.br)

## **Introdução**

A leitura descontextualizada da obra freudiana tem gerado, ao longo dos tempos, interpretações que podemos pensar como desproporcionais e equivocados. O presente texto aventura-se a fazer um recorrido nos artigos de técnica escritos por Freud na tentativa de uma aproximação de sua concepção do termo *abstinência* para discutirmos a leitura que foi feita ao longo dos tempos buscando identificar o efeito que esta causou na construção social de que a psicanálise (e os psicanalistas) precisam ser sujeitos da neutralidade na sua própria inserção no mundo como cidadãos. Proposta que, por muito tempo e em muitos espaços, privilegiou uma relação de transparência do mundo visto pelos olhos do analista que precisava se relacionar com ele em um modelo apolítico.

Dante Alighieri, em a Divina Comédia (1303/1307) contribui conosco nesta tentativa de recontextualizar o conceito de abstinência na psicanálise e, sobretudo, em nossa prática enquanto sujeitos inscritos e responsáveis pela produção. Propugna ele

estarem os lugares mais quentes do inferno reservados para aqueles que, em tempos de grave crise ética, mantêm sua neutralidade.

A nossa proposta é percorrer, num experimento genealógico e em um primeiro momento, o conceito em si.

### **Abstinência no texto freudiano**

Abstinência, decorrência natural da regra fundamental, é o conceito sobre o qual transita a obrigatoriedade de não ser oferecida ao analisante a possibilidade de descarga por uma via substitutiva. Assim, a tomamos como pré-condição, como propulsora do tratamento psicanalítico.

Na obra freudiana, o termo *abstinência* aparece na maioria dos volumes, excetuando os volumes 4, 8, 14, 15, 19 e 22. Nos demais cita essa palavra. Usa, na maior parte das vezes, o termo para falar de privação sexual. No entanto, em outros textos, diferencia o termo de um agir sem qualquer satisfação ou da conotação popular de abster-se de uma relação sexual, colocando este muito mais relacionado com a dinâmica da doença e da recuperação. Por conseguinte, amplia aquela acepção e a indica como necessária ao processo analítico e, portanto, vinculada à técnica psicanalítica. Conceitua, em textos iniciais, o termo “abstinência” como um princípio fundamental no trabalho de análise que irá inaugurar e dominar provavelmente o trabalho de uma nova técnica em evolução.

Em primeiro de maio de 1889, relata Emilio Rodrigué, um dos tantos biógrafos de Freud (1995), este acolhe o encaminhamento que lhe fizera Breuer, seu experiente colega e interlocutor em determinado momento do processo criativo da Psicanálise. Talvez fosse usar pela primeira vez o método catártico. Desconhecia, no entanto, que um novo e importante dispositivo seria utilizado a partir de então. “A palavra livre e o ouvido que escuta... ainda não havia sido inventada a posição de passiva abstinência para a escuta do terapeuta” (p. 299). Durante a sessão, a paciente a quem Freud fora atender, a aristocrata Emmy Von N., reclama com ênfase acerca da intrusão de Freud com relação a seu relato. “Não é preciso ficar me perguntando de onde provem isto ou aquilo, deixe-me contar o que tenho a dizer” (p. 299).

Flem (1986) assinala em seu texto sobre os pacientes de Freud que embora a psicanálise ainda não tivesse oficialmente nascido, podemos tomar o convite para sua

concepção como datando desse dia, primeiro de maio de mil oitocentos oitenta e nove. Há controvérsias, no entanto, sobre a questão da origem, já que Cecília, outra das mulheres atendidas por Freud clama para si a inauguração da regra da abstinência, de acordo com outros biógrafos e autores que discorrem sobre a psicanálise nos seus primórdios.

Quinze anos mais tarde, mais especialmente em **Observações sobre o Amor Transferencial** apresenta com toda a limpidez sua recomendação com relação à abstinência

Já deixei claro que a técnica analítica exige do médico que ele negue à paciente que anseia por amor a satisfação que ela exige. O tratamento deve ser levado a cabo na abstinência. Com isto não quero significar apenas a abstinência física, nem a privação de tudo o que a paciente deseja, pois talvez nenhuma pessoa enferma pudesse tolerar isto. Em vez disso, fixarei como princípio fundamental que se deve permitir que a necessidade e anseio da paciente nela persistam, a fim de poderem servir de forças que a incitem a trabalhar e efetuar mudanças, e que devemos cuidar de apaziguar estas forças por meio de substitutos (Freud, 1914; p.214).

É neste trabalho que apresenta pela primeira vez a importância de o analista estar atento ao amor e suas implicações na técnica analítica. Propõe, como princípio basilar, a persistência da necessidade e do anseio da paciente a fim de incitá-la a trabalhar e efetuar mudanças.

Assinala que se o anseio de amor for atendido, a satisfação obtida será através da atuação repetindo na vida real o que deveria apenas ser lembrado. O objetivo da análise é que a recordação se faça tão somente como material psíquico e mantido dentro da esfera dos eventos psíquicos.

Neste sentido, quanto mais claramente o analista permite que se perceba que ele está à prova de qualquer tentação, mais prontamente poderá extrair da situação seu conteúdo analítico. Mesmo sabendo-se que a atuação se faz por via da relação transferencial, Freud nos leva a pensar na atitude a ser tomada quando o analista se vê diante de uma transferência amorosa para não interromper o tratamento, ou como agir diante das pulsões sexuais do paciente e das próprias pulsões do analista.

Primeiramente, o analista deve dar-se conta que o *enamoramento* do analisando é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa. O analista não deve satisfazer os anseios de sua paciente, porém também não deve suprimi-los. É necessário tomar cuidado para não se afastar do amor transferencial, repeli-lo ou torná-lo desagradável para o analisando; mas deve de modo igualmente resoluto, recusar-lhe qualquer retribuição, mantendo um firme domínio sobre essa intensidade de

afeto e tratando-o como algo irreal, como uma situação que se deve atravessar no tratamento a fim de remontar as suas origens inconscientes, ajudando a trazer tudo que se acha muito profundamente oculto na vida erótica da paciente para sua consciência.

A partir dessa proposição, Freud traz a tona uma importante ferramenta da técnica usada em psicanálise, a abstinência do analista. Para tal manejo clínico é necessário tornar-se abstinente. O que o analista pode oferecer nunca será mais que um substituto, pois a condição de paciente é tal que, até que suas repressões sejam removidas, ele é incapaz de alcançar satisfação real. Ser substituto, e negar-lhe a satisfação real, é manter-se abstinente.

Freud ensina ao longo do texto, que só é possível trabalhar com a transferência se o analista souber ser abstinente. Podendo domar seus investimentos pulsionais e assim mostrar aos pacientes a necessidade da renúncia, pois só desta maneira é possível estabelecer um trabalho analítico.

#### **Em Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica (1919) propõe**

o tratamento analítico deve ser efetuado, na medida do possível, sob privação - num estado de abstinência. Por abstinência, no entanto, não se deve entender que seja agir sem qualquer satisfação, o que seria certamente impraticável (p.205)

A partir destas reflexões, indaga qual é o papel do analista nesta nova combinação, colocando que a psicossíntese é atingida durante o tratamento analítico sem a intervenção do analista, automática e inevitavelmente. O nosso trabalho torna-se criar as condições para que isso aconteça, fragmentando os sintomas em seus elementos e removendo as resistências.

Neste sentido, aponta para as possibilidades que o terapeuta encontra no tratamento e os perigos que a análise corre a partir da postura que o terapeuta assume.

Recusa a transformar um paciente à sua própria imagem achando que isso seria positivo. Percebe a necessidade de combinar a influência analítica com a educativa em

pacientes muito desamparados e incapazes de uma vida comum. Mas aponta para o cuidado que devemos ter para que o paciente possa ser educado para liberar e satisfazer a sua própria natureza e não assemelhar-se com o analista (Freud, 1919).

### **A falsa abstinência como criação defensiva**

Ferenczi (1920/1991) já havia questionado a característica da passividade da psicanálise quando propôs a utilização da técnica ativa. Pondera que uma conduta do médico frente a determinadas manifestações sintomáticas do paciente (atos compulsivos e fobias, principalmente) poderiam vencer a resistência da repetição e se tornar acessível à análise na forma de idéias

As instruções que proponho dar ao paciente nada tem a ver com conduta prática ou teoria acerca da vida em geral; só se relacionam com certos comportamentos particulares, não estão à priori dirigidos à moralidade, senão contra o princípio do prazer; obstaculizam as tendências eróticas somente na medida em que se espera desta forma que se possa eliminar um obstáculo que se opõe à possibilidade de análise (p.157).

Nos anos 50, Paula Heinmann apresenta seus conhecidos artigos acerca do conceito de contra-transferência. No trabalho que submete a seus pares em Zurich, em 1949, introduz sua concepção acerca da função de cuidar dos afetos dos jovens analistas em formação

tenho me deparado com analistas em formação que se sentem tão atemorizados e culpados quando surgem emoções em relação a seus pacientes que as eliminam mediante a repressão ou outras técnicas de negação, em detrimento do seu trabalho. Não apenas perdem sensibilidade na percepção ao procurar combater em si mesmos esses afetos como o utilizam também contra o paciente, fazendo uso de escapes à teoria (1950m; p.129)

Com essas idéias inicia-se uma série de estudos que focam a inclusão/exclusão dos sentimentos do analista no jogo analítico. Questiona-se o lugar de abstinência, atribuem-se significados novos a ela, enfatizando-se uma intensa exigência de opacidade do analista. De alguma forma, o pêndulo teórico/técnico volta-se para a metáfora da limpeza

do campo analítico, na idéia de assepsia do campo cirúrgico. Anteriormente, Freud (1914) propusera

Não posso aconselhar insistentemente demais os meus colegas a tomarem como modelo, durante o tratamento psicanalítico, o cirurgião, que põe de lado todos os sentimentos, até mesmo a solidariedade humana, e concentra suas forças mentais no objetivo único de realizar a operação tão competentemente quanto possível (p.153).

As regras técnicas que têm por finalidade que analista e analisando conquistem a condição de pôr em marcha o acontecer da análise, viabilizando que se desvendem os mistérios do inconsciente, do recalçado, passa a ter uma leitura de crua frieza. O analista mostra-se reprodutivo no seu modo de ser abstinente, já que obedece a lei da omissão. Esmaece-se, nessa escolha técnica, a proposta também contida neste texto de que a comunicação se faça na relação emissor/receptor, outra metáfora freudiana,

Para melhor formulá-lo: ele deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor. Assim como o receptor transforma de novo em ondas sonoras as oscilações elétricas na linha telefônica, que foram criadas por ondas sonoras, da mesma maneira o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente, que determinou as associações livres do paciente (Freud, 1912; p. 154).

Inicia-se um deslizamento do princípio da abstinência para a concepção de fria neutralidade através das discussões acerca do cuidado como modo de defesa que o analista precisa se valer, protegendo-se dos afetos decorrentes da intensidade transferencial. É uma herança dos primórdios da psicanálise anglo-saxônica que se perpetua como técnica, marcando um modo de fazer da psicanálise durante mais de meio século. As leis que foram propostas em um determinado contexto deixaram de ser protetoras passando a ser defensivas já que não mais respondem às necessidades para as quais haviam sido criadas.

### **Abstinência: o lugar do analista.**

O encontro analítico supõe a fala de um e a escuta de outro a respeito do inconsciente de quem fala. Este é o contexto da situação analítica, que especifica um

campo que é o do conhecimento do inconsciente. A transferência é o produto da situação analítica, que atualiza a realidade do inconsciente.

A transferência assim caracterizada é dialógica, na sua restrita qualidade de um encontro entre dois, analista e analisando, uma vez que põe em cena o conflito do analisando, motivo de seu pedido de cura e a posição que o analista passa a ocupar nesta atualização da cena. Nessa perspectiva devemos pensar desde que lugar o analista vai operar enquanto objeto da transferência do analisando e, desde aí, o de escuta da fala do outro.

A psicanálise é um saber que traz a diferença como marca. Freud fala do Complexo do Semelhante. Semelhante que não é idêntico, não é reprodutivo, pois viabiliza que, junto com seu bebê, a mãe, protagonista do Complexo do Semelhante, portadora de um registro de diferença, denuncie a diferença entre ela e o outro, o seu bebê. É pelo registro do outro, em seu psiquismo, que pode promover, além da experiência de satisfação, a experiência de dor, fazendo da diferença a marca estruturante do psiquismo, inaugurando-o. Este também é o lugar do analista na transferência: lugar do que tem a marca da diferença, da alteridade.

Freud (1914) ao propor que “o analisando não recorda, em geral, nada do esquecido e recalado, senão que o atua (p.152), impede que tratemos sua enfermidade como um episódio histórico. É um poder atual (...) das reações de repetição que se mostram na transferência, os caminhos já sabidos levam logo ao despertar das recordações que, vencidas as resistências, sobrevém com facilidade (p.156). É preciso dar tempo ao paciente para mergulhar (embeber-se) na resistência não conhecida para ele (que agora lhe é conhecida); para reelaborá-la, vencê-la prosseguindo o trabalho em desafio a ela e obedecendo a regra fundamental” (p.157).

O repetido na transferência, portanto, é entregue à reconstrução do analista. O lugar do analista é o de receber o repetido que lhe é endereçado pelo sintoma do analisando e não é o de atribuir sentido ao repetido. O analisando tem que mergulhar na transferência para perlaborar o recalado que se faz aparecer na resistência. Da mesma forma, o analista que está colocado como alguém para quem foi dirigido o sintoma está neste lugar de transferência desde onde lhe é permitido operar. Pode-se dizer que o analista ocupa seu



lugar na regra fundamental quando for abstinente. Dito melhor, não lhe está destinado atribuir sentido, mas sim se colocar como objeto da transferência do analisando.

Este pode ser o paradoxo do que se entende por abstinência: estar embebido do transferido pelo paciente, mas se abster de atribuir sentido ou julgamento. Cria-se então o espaço da ética e da escuta.

A ética, na perspectiva que estamos tomando, pressupõe a intersubjetividade ou a alteridade que se dá de forma relacional. Este é o sentido estrito da dialógica que, supondo dois, um abstinente, evidencia o espaço que contém a repetição e a produção de algo novo, o construído. A ética é o agir próprio do ser humano no exercício de sua liberdade, em um *locus* específico, em nosso caso, o encontro analítico da transferência. Timm (2004) sustenta “que o sujeito é concebido na teia das referencialidades em nome das quais se pensa, se diz, se constrói discursos explicativos e se avança no conhecimento da própria realidade” (p.40).

Assim, a subjetividade não pode ser senão intersubjetiva e a ética do analista está em relação ao lugar de escuta que ocupa frente ao analisando. Dito de outra forma, cada um dos dois terá sua teia de referências e o construído a partir da transferência ocorre nesta intersubjetividade da análise. A ética do analista é justamente estar com seus códigos e criar a condição da escuta que faz emergir o inconsciente do analisando para a reelaboração que é construída. Marcamos que o lugar da ética é o de alteridade e introduzimos o lugar da escuta como o da abstinência, o encontro faltoso a que se refere Lacan (1988).

As idéias de Barthes (1990) agregam-se a esse nortear em relação ao que é a escuta. Ele propõe que o *ouvir* é um fenômeno fisiológico enquanto *escutar* é um ato psicológico. A escuta então não espera signos determinados, classificados: não aquilo que é dito ou emitido, mas visa àquele que fala, aquele que emite, sendo assim desenvolvida em um espaço intersubjetivo, em que “escuto” na verdade quer dizer “escuta-me”. A escuta se apodera para transformar e lançar a fala no jogo da transferência, de uma “significância” geral, que já não é concebível sem a intervenção do inconsciente.

A originalidade da escuta psicanalítica consiste neste movimento de vaivém que faz a ponte entre a neutralidade e o engajamento, a supressão de orientação e teoria (...) a escuta comporta, então, um risco: não pode ser realizada através de um dispositivo teórico, o analisando não é um objeto científico em relação ao qual o analista, do lugar em que o outro o coloca e ao qual não rejeita, pode usar de objetividade. A relação analítica é estabelecida entre dois. O reconhecimento do desejo do outro não poderá, em hipótese alguma, ocorrer na neutralidade, na benevolência ou no liberalismo: reconhecer esse desejo implica nele penetrar, perder o equilíbrio, e terminar por encontrar-se nele”(p.226).

O escutado é o mistério, o enigma a ser decifrado. Associação entre o atirar o carretel *fort* (vai) e o puxá-lo *da* (volta), o jogo da presença e da ausência que marca a escuta da decifração, o inesperado do não conhecido que é falado e para o qual existe a disposição de escuta. O *escuta-me* contém o lugar da subjetividade da fala do analisando e da presença abstinente do analista. Lugar da intersubjetividade que o encontro analítico supõe.

### **Abstinência, uma questão política**

O modo de funcionar descompromissado com a responsabilidade social da nossa prática e regulado pelo próprio fazer é uma herança de uma leitura do pensamento anglo-saxão, que nos alienou por um longo tempo. A origem que está em jogo como se referiu, não está sustentada no texto freudiano, mas no deslizamento do princípio da abstinência para o conceito de uma equivocada “neutralidade”, tanto na clínica psicanalítica quanto no distanciamento do analista do seu lugar social.

Muitos psicanalistas atribuíram a si e a seus pares uma condição de opacidade com relação a suas opções políticas, com relação a escolhas pessoais e a poderem ser vistos como cidadãos inscritos num mundo de realidade. O texto freudiano (1910). Preconiza a abstinência, mas também está permeada de questões ligadas a amplitude que se faz necessária para além de uma clínica privada. Freud pôde se deixar sensibilizar com o sofrimento do indivíduo e com o sintoma social. Não se mostrou abstinente ao fazer essa denúncia.

Nessa direção, e nos tempos atuais, podemos lembrar Silvia Bleichmar, psicanalista argentina recentemente morta, que se inscreveu no campo da política sem temer a contaminação do campo da transferência como instrumento de trabalho. Afirma, em sua crítica, ser o mal estar excedente decorrente do fato de haver uma profunda mutação histórica dos efeitos traumáticos que acontecimentos sociais, culturais e políticos sobre a subjetividade dos indivíduos que pagam com um custo simbólico a impossibilidade de alcançar propostas de um futuro imaginário.

É preciso que o psicanalista se ocupe em poder entender, discutir, por vezes aliviar os efeitos que os fatos sociais exercem sobre o imaginário coletivo. Os textos que um psicanalista pode produzir desde uma leitura psicanalítica

objetivam que o leitor possa ressignificar, traduzir, fazer explícito esse mal estar reinante e esse mal estar excedente que nos paralisa, que nos impede de atuar politicamente (Testero 2009; p.8).

É compromisso social incluir-se na discussão das questões políticas, quer partidária quer de amplitude maior. Na suposta defesa de um valor maior atribuído ao trabalho clínico privado, o psicanalista derrama sobre seu cotidiano o impedimento de ter uma cor política, sem se aperceber da importância com que se reveste seu saber e fazer-se implicado com ações sociais e mesmo de legislação. O saber psicanalítico, além da importância da prática privada do consultório, precisa ser oferecido àqueles que produzem leis, que planejam políticas, sem que seus praticantes sintam-se impedidos de participar no espaço público em um arremedo de abstinência.

Como outro exemplo de não assepsia, podemos lembrar Françoise Dolto e sua contribuição à Convenção dos Direitos da Criança na ONU em 1989. Suas idéias certamente afetaram, o resultado dos trabalhos, como também sabemos da sua influência nas diretrizes do nosso Estatuto da Criança e do Adolescente

Muitos anos antes, Freud (1933) já enfatizara em sua correspondência com Einstein quando interrogado “se havia algum caminho para a humanidade evitar os estragos da guerra” (p.183) discorre sobre a destrutividade constitutiva do homem e a inclinação dos homens para agredir. Mas também se coloca quanto ao papel de lei da Liga das Nações dizendo que é fundamental “que se outorgue o poder requerido” (p.191),

referindo-se que não há exercício de poder se este não for legitimado. Pronuncia-se como psicanalista e cidadão.

À psicanálise cabe um lugar social de responsabilidade onde a neutralidade não se confunde com a abstinência. A par da ferramenta abstinência se constitui como condição do tratamento psicanalítico, não é ela o operador da relação do psicanalista com o mundo, de tal forma que o desvincule de sua responsabilidade como cidadão; que o distancie da práxis de ser sujeito no mundo agregando resistências ao que podemos propor como uma cumplicidade no silêncio ou um silêncio cúmplice. Esse, por si só já se constitui uma posição política, aquela a qual o psicanalista se coloca num arremedo de abstinência.

Soares (2009) afirma ser necessária a convicção em qualquer ato: a crença comanda a ação e a ação incide em um futuro que jamais será neutro.

Ser neutro, diferente de ser abstinente, dessa forma, já se institui como um ato político, que pode confundir a transferência que está nas relações em geral e que, portanto, nos clama uma posição enquanto protagonistas da vida que se faz no espaço público. Já a transferência enquanto operador do tratamento psicanalítico, essa sim, demanda abstinência, pois ao abster-se o analista passa a ocupar sua posição de escuta, que é a reciprocidade necessária à fala de seu analisante.

## **Bibliografia**

BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FERENCZI, S. (1920) *Los nuevos adelantos de la terapéutica activa en el psicoanálisis*. In: *Teoría y Técnica del Psicoanálisis*. Lumen-Hormé: Buenos Aires, 2001.

FREUD, S. (1910) As perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica. In *Edição Standard das Obras Completas*. (Vol. XII ). Rio de Janeiro: Imago. 1976.

FREUD, S. (1912) Recomendações aos jovens médicos. In *Edição Standard das Obras Completas*. (Vol. XII ). Rio de Janeiro: Imago. 1976.

FREUD, S. (1914) Recordar, repetir e elaborar. In *Edição Standard das Obras Completas*. (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. 1976.

FREUD, S. (1914) Observações sobre o amor transferencial. In *Edição Standard das Obras Completas*. (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. 1976.

FREUD, S. (1919) Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In *Edição Standard das Obras Completas*. (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago. 1976.

FREUD, S. [1933 (1932)] Por que lá guerra (Einstein y Freud) In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores (1990)

FREUD, S. (1914) Recordar, repetir y reelaborar In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores (1990)

HEIMANN, P. (1950) *Sobre a contratransferência*. In: International Journal of Psychoanalysis, tomo XXI, n.1-2; 1950

LACAN, J. O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.123. 1988.

SOARES, L.E. *As múltiplas faces da destrutividade*. In: XV JORNADA EXTERNA DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA. Comunicação pessoal. Porto Alegre, 28 e 29 de agosto de 2009.

SOUZA, R. T. *Ética como fundamento - Uma introdução à Ética Contemporânea. 1*. Editora. São Leopoldo - RS: Editora Nova Harmonia, 2004.

TESTERO, J. *Silvia Bleichmar: superar la immediatez. Um modo de pensar nuestro tiempo*. Buenos Aires: Ediciones Centro Cultural de La Cooperacion Floreal Gorini. 2009.